

Imigrantes cabo-verdianos em Portugal: integração e sua percepção em relação aos portugueses¹

José Rebelo dos Santos, Departamento de Comportamento Organizacional e Gestão de Recursos Humanos da Escola Superior de Ciências Empresariais do Instituto Politécnico de Setúbal, Campus do IPS, Estefanilha, 2914-503 Setúbal, Portugal, jrebelo@esce.ips.pt, telemóvel 351965600372;

Maria Filomena Mendes, CIDEHUS – Departamento de Sociologia – Universidade de Évora, Departamento de Sociologia, Universidade de Évora, Largos dos Colegiais, 2, 7000-803 Évora, Portugal, mmendes@uevora.pt, telemóvel 351967942963;

Conceição Rego, CEFAGE / Departamento de Economia – Universidade de Évora, Departamento de Economia, Universidade de Évora, Largos dos Colegiais, 2, 7000-803 Évora, Portugal, mcpr@uevora.pt, telemóvel 351962534296;

Maria da Graça Magalhães, CIDEHUS – Departamento de Sociologia – Universidade de Évora, Departamento de Sociologia, Universidade de Évora, Largos dos Colegiais, 2, 7000-803 Évora, Portugal, mgraca.magalhaes@ine.pt, telemóvel 351966878128.

Resumo

Os cabo-verdianos constituem uma das mais importantes comunidades de imigrantes em Portugal, quer em termos absolutos, quer históricos. Este estudo tem como objectivos caracterizar aquela comunidade, quantificando os seus elementos; identificando a sua distribuição por regiões, sexo e grupo etário; analisando o seu comportamento de fecundidade e nupcialidade (numa primeira avaliação ao seu grau de integração). Visa ainda perceber como percebem os portugueses, numa perspectiva ligada aos *standards* culturais, segundo os referenciais de Hofstede e de Trompenaars & Hampden. Recorre-se em primeiro lugar aos dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística e pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Em segundo lugar, são analisados inquéritos por entrevista efectuados a cabo-verdianos residentes em Portugal, com idades entre os 20 e os 65 anos e com uma permanência em Portugal de, pelo menos, dois anos. Os resultados mostram tratar-se da 2ª maior comunidade de imigrantes, concentrando-se em Lisboa, Península de Setúbal e Algarve. Pertencem

¹ Estudo em elaboração no âmbito do projecto PTDC/SDE/68126/2006, “ O futuro da população portuguesa: a importância da estimação da mortalidade e das migrações ao nível regional”, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (2007/2010).

maioritariamente ao sexo masculino, em idade activa; consideram os portugueses muito formais, bastante preocupados com o futuro mas demasiado reactivos face a ele.

1. Introdução

Portugal foi, durante muitos anos, considerado um país de emigrantes tendo os imigrantes apresentado, em termos gerais, um valor mais diminuto. A partir do último quartel do século XX e sobretudo nos anos 90 a imigração passa a ter grande expressão consubstanciando-se fundamentalmente em dois grupos de imigrantes: os oriundos de países de língua portuguesa e os com origem nos países do Leste Europeu.

Ao nível das comunidades de imigrantes presentes em Portugal, a dos cabo-verdianos assume-se como a de maior importância, não apenas pelo facto de ser a segunda mais numerosa, mas, sobretudo, por ser a mais antiga. Neste contexto, considerou-se pertinente por um lado, conhecer as suas características, nomeadamente, numa perspectiva demográfica em termos de contributos para os crescimentos natural e migratório (remetendo directamente para a natalidade e indirectamente para a nupcialidade e para os fluxos de entrada de população); e, por outro lado, perceber como percebiam os portugueses.

Nesse sentido, e para a caracterização demográfica, recorreu-se a dados estatísticos divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (Censos e Estatísticas Demográficas) e pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras; para perceber como percebiam os portugueses, tendo em conta as dimensões culturais de Hofstede e de Trompenaars e Hampden, efectuaram-se inquéritos por entrevista a elementos da comunidade cabo-verdiana, privilegiando imigrantes com idades entre os 20 e os 65 anos e com uma permanência em Portugal superior a dois anos.

2. Os fluxos migratórios e as alterações demográficas em Portugal

Os fluxos migratórios internacionais, em ambos os sentidos – emigração e imigração – têm tido desde há muito um papel muito importante nas transformações demográficas em Portugal. Estes fluxos, além de ter reflexo no crescimento migratório têm também repercussões no crescimento natural decorrente da natalidade e mortalidade relativa aos imigrantes e na própria estrutura etária da população. A estrutura etária da população portuguesa denota um acentuado envelhecimento resultante da relação entre a natalidade, a mortalidade e as migrações (Rebelo, Mendes e Pinto, 2006) que nos últimos anos têm contribuído para o retardar do envelhecimento.

Desde 1981, a tendência da taxa do crescimento demográfico é claramente influenciada pela taxa de crescimento migratório, influência que se torna mais evidente com o decréscimo da taxa de crescimento natural. Mais recentemente, desde o início da década de 90 que se estimam saldos migratórios positivos (INE, 2008), invertendo-se a tendência anterior de forte emigração, ainda que esta não tenha cessado.

Com efeito, não obstante a emigração continuar a ocorrer, constata-se um decréscimo resultante sobretudo da diminuição acentuada da emigração de carácter permanente (movimento de saída para um país estrangeiro com intenção de permanência de mais de um ano) uma vez que a emigração temporária (movimento de saída para um país estrangeiro com intenção de permanência de menos de um ano) tem aumentado nos últimos anos, correspondendo nos anos mais recentes a cerca do triplo da emigração de carácter permanente (Peixoto, 2004).

Ainda que parte destes recentes fluxos imigratórios possa reflectir uma imigração de retorno de portugueses, com características demográficas particulares, o maior contributo poderá estar associado a entradas em território português de cidadãos de nacionalidade estrangeira.

Relativamente à população estrangeira com estatuto legal de residente², esta tem vindo a aumentar continuamente. Se na década de 80, séc. XX, estes fluxos imigratórios estariam ainda relacionados com a fase pós-colonial com origem sobretudo nos PALP, verifica-se posteriormente uma transformação de volumes, ritmos e características. No final da década de 90, séc. XX, os fluxos são sobretudo caracterizados por estrangeiros provenientes da Europa de Leste e do Brasil (Peixoto, no prelo).

Considerando apenas a população estrangeira com estatuto legal de residente, esta aumentou de 54,4 milhares em 1980 para 401,6 milhares em 2007, quase duplicando apenas entre 2000 (207,6 milhares) e 2007 (401,6 milhares), reflectindo a importância crescente dos fluxos de imigração estrangeira para Portugal.

Ao valor já referido e que inclui a parcela mais expressiva é ainda necessário adicionar a informação relativa a “Prorrogações de Autorizações de Permanência” (5,7 milhares), “Prorrogações de Vistos de Longa Duração” (28,4 milhares) e “Vistos de Longa Duração concedidos” (10,6 milhares). Deve ainda ter-se em conta que um número não despreciable de imigrantes tem optado por naturalizar-se português e que não podem deixar de se considerar, mesmo sem possibilidade de apurar números, a existência de ilegais.

O total de cidadãos estrangeiros a residir ou permanecer de forma legal em Portugal no ano de 2007 ascendia a 446.333 indivíduos, ou seja, representariam 4,2% do total da população residente em Portugal (10.617.575).

² Face à escassez e/ou fragilidade de informação estatística disponível, bem como pela dificuldade decorrente da inexistência de uma harmonização de conceitos, analisámos a informação disponível sobre população de nacionalidade estrangeira a residir ou permanecer de forma legal em Portugal, disponibilizada pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (www.sef.pt) e pelo Instituto Nacional de Estatística (www.ine.pt). Esta informação encontra-se condicionada pelo quadro legal que regula a entrada e permanência de estrangeiros em território nacional, apresentando ainda algumas limitações adicionais quer por incluir informação sobre cidadão de nacionalidade estrangeira mas que não pode ser considerada imigrante em termos demográficos (filhos de estrangeiros que nasceram e sempre residiram em Portugal) quer por excluir informação sobre indivíduos com background imigrante que entretanto adquiriram a nacionalidade portuguesa.

Utilizando a informação disponível por nacionalidades, estima-se que as 5 nacionalidades estrangeiras com maior destaque em 2007 seriam, por país: Brasil e Cabo Verde (ambos com 15%), Ucrânia (9%), Angola (7%) e Guiné-Bissau (5%).

Realce-se, no entanto, que os imigrantes de países de língua portuguesa correspondem a 47,1% do total, conforme se pode constatar no quadro seguinte. Para além dos imigrantes oriundos de países de língua portuguesa são bastante expressivos os números relativos aos imigrantes originários da Ucrânia, Reino Unido, Roménia, Espanha, Alemanha, Moldávia, China, França, Estados Unidos, Países Baixos, Itália e Rússia.

Quadro 1 – Imigrantes em Portugal por nacionalidade em 2007

Nacionalidade	Total	%
1 Brasil	70675	15,8
2 Cabo Verde	64972	14,6
3 Ucrânia	40109	9,0
4 Angola	32936	7,4
5 Guiné-Bissau	24540	5,5
6 Reino Unido	23608	5,3
7 Roménia	19389	4,3
8 Espanha	18030	4,0
9 Alemanha	15498	3,5
10 Moldávia	14947	3,3
11 São Tomé e Príncipe	10967	2,5
12 China	10772	2,4
13 França	10556	2,4
14 EUA	8556	1,9
15 Países Baixos	6589	1,5
16 Itália	5985	1,3
17 Moçambique	5876	1,3
18 Rússia	5380	1,2

Fonte: INE e cálculos dos autores

Esta constatação é consonante com o facto das migrações internacionais terem frequentemente como destino os países desenvolvidos da Europa e América tendo origem em países menos desenvolvidos do Sul, em especial África e América Latina (Rebelo, 2000a). Um outro aspecto destas migrações é que, tendencialmente, grande parte dos migrantes é proveniente de países que foram colonizados pelos países de destino. Este movimento tem-se consubstanciado num aumento considerável de imigrantes de origem africana em França, Inglaterra, Holanda, Alemanha e também em Portugal (Rebelo, 2000a).

Os imigrantes africanos que têm vindo para o mundo ocidental são identificados pelos nacionais como detentores de culturas próprias bastante diferentes das existentes nos países de destino (Rebelo 2000a). Em geral, concentram-se em comunidades levando à afirmação das próprias culturas, vivendo numa espécie de mundo à parte, construído à imagem e semelhança das suas terras de origem mas com os constrangimentos decorrentes do facto de estarem no mundo ocidental. Gera-se assim (como que) um sincretismo que torna estes imigrantes detentores duma identidade étnica (Rebelo 2000a).

Quanto à repartição por sexos e idades dos cidadãos estrangeiros com permanência regular em Portugal, estima-se que cerca de 55% sejam homens e 45% mulheres, com uma concentração mais acentuada em torno das idades activas, em que 50% estariam entre os 20 e os 39 anos de idade.

Face à existência de comunidades estrangeiras já estabelecidas em Portugal, a formação de família e a reunificação familiar serão factores que continuam a influenciar estes fluxos de imigrantes (Coleman, 2004).

Desde 2001 que o número de casamentos em Portugal tem vindo a diminuir. No entanto, o número de casamentos envolvendo cidadãos de nacionalidade estrangeira mais do que triplicou entre 2001 e 2007 e a sua importância face ao total de casamentos tem vindo a aumentar.



No decorrer de 1995, do total de casamentos celebrados, 2,5% envolviam um cônjuge de nacionalidade estrangeira, valor que ascende para 14,4% em 2007; este valor inclui 2,2% de casamentos em que ambos os cônjuges eram de nacionalidade estrangeira. A proporção de casamentos “mistos”, em que apenas um dos cônjuges era de nacionalidade estrangeira, aumentou de 2,3% para 12,3%, entre 1995 e 2007.

Quadro 2 – Casamentos realizados em Portugal, por nacionalidade dos cônjuges, Portugal, 1995-2007

		1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Apenas um dos cônjuges de nacionalidade estrangeira	Nº	1493	1232	1287	1343	1608	1698	1869	2721	3582	3537	3909	4943	5678
Ambos os cônjuges de nacionalidade estrangeira		173	135	128	141	160	159	224	342	395	407	423	753	1003
Apenas um dos cônjuges de nacionalidade estrangeira	%	2,3	1,9	2,0	2,0	2,3	2,7	3,2	4,8	6,7	7,2	8,0	10,3	12,3
Ambos os cônjuges de nacionalidade estrangeira		0,3	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,4	0,6	0,7	0,8	0,9	1,6	2,2

Fonte: INE

Os impactos destes fluxos imigratórios na dinâmica demográfica resultam da sua influência directa (na dimensão populacional pela adição nos efectivos populacionais) e indirecta, nomeadamente pela sua contribuição para a natalidade, face ao perfil etário habitual das populações migrantes (Sobotka, 2008).

O número de nados vivos de mães de nacionalidade estrangeira tem vindo a aumentar desde 1995 (ano a partir do qual dispomos de informação sobre a nacionalidade dos pais). Em 1995 os nados vivos de mães de nacionalidade estrangeira representavam 2,2% do total de nados vivos de mães residentes em Portugal, valor que aumentou para 9,6% em 2007.

A percentagem de nados vivos em que pelo menos um dos pais, pai ou mãe, era de nacionalidade estrangeira aumentou de 3,2% para 11,8% no mesmo período, valor que incluía 6,5% em que ambos os pais eram de nacionalidade estrangeira, valores que

espelham uma crescente influência de cidadãos de nacionalidade estrangeira na natalidade em Portugal.

Quadro 3 – Nados vivos, por nacionalidade dos pais, Portugal, 1995-2007

	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Pai ou mãe de nacionalidade estrangeira	3389	3629	4025	4477	7500	8394	8559	10019	10383	10855	11653	11845	12070
Ambos os pais Nº de nacionalidade estrangeira	1395	1529	1636	1950	2827	3434	3755	5088	5229	5447	5946	6365	6676
Mãe de nacionalidade estrangeira	2367	2522	2757	3158	5099	5823	5899	7690	8029	8444	9092	9542	9887
Pai ou mãe de nacionalidade estrangeira	3,2	3,3	3,6	3,9	6,5	7,0	7,6	8,8	9,2	9,9	10,7	11,2	11,8
Ambos os pais % de nacionalidade estrangeira	1,3	1,4	1,4	1,7	2,4	2,9	3,3	4,4	4,6	5,0	5,4	6,0	6,5
Mãe de nacionalidade estrangeira	2,2	2,3	2,4	2,8	4,4	4,9	5,2	6,7	7,1	7,7	8,3	9,0	9,6

Fonte: INE

Num contexto em que o número de nados vivos tem vindo a diminuir desde 2000, verifica-se um contínuo aumento do número de nados vivos de mães de nacionalidade estrangeira que, entre 2000 e 2007 aumentaram cerca de 144%.

A distribuição pelas principais nacionalidades das mães indicia também uma alteração do perfil das nacionalidade dos estrangeiros a residir em Portugal.

Em 1995, a nacionalidade mais representativa das mães estrangeiras era a cabo-verdiana (27,9% das mães de nacionalidade estrangeira), seguindo-se, em termos de importância relativa, as nacionalidades referentes a Angola, Brasil, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe.

Em 2007, a nacionalidade mais representativa das mães estrangeiras era a brasileira (33,9% das mães de nacionalidade estrangeira), seguindo-se, em termos de importância relativa, as nacionalidades referentes a Cabo Verde, Angola, Ucrânia e Roménia.

Quanto à influência dos cidadãos de nacionalidade estrangeira residentes em Portugal na mortalidade, mantém-se em níveis diminutos, o que também pode ser associado aos recentes fluxos de imigrantes de nacionalidade estrangeira caracterizados por estruturas etárias mais jovens.

2.1. Especificidades da imigração cabo-verdiana

Os cabo-verdianos estão na génese da imigração em Portugal nos últimos 50 anos uma vez que já nos anos sessenta se registava a sua vinda para trabalhar, maioritariamente na construção civil e obras públicas, na medida em que a forte emigração que se fazia sentir, aliada à mobilização de muitos milhares de jovens para o serviço militar, gerava deficits de mão de obra neste sector (Machado, 1994).

No entanto, estes cabo-verdianos sendo portugueses não podiam considerar-se, na altura, imigrantes estrangeiros. Todavia, essa movimentação foi-se verificando, com maior ou menor intensidade, até aos dias de hoje. Os imigrantes cabo-verdianos em Portugal constituem actualmente um dos grupos numericamente mais representativos, sobretudo se considerarmos para além do número oficial de imigrantes os seus descendentes e aqueles que ao longo das últimas décadas se foram naturalizando portugueses.

A população constituinte da comunidade cabo-verdiana é bastante jovem quando comparada com a população portuguesa. Caracteriza-se por uma percentagem de idosos quase residual e a de jovens na ordem dos 15 %. Com efeito, a análise desagregada por grandes grupos etários constante no quadro seguinte revela que quase 16% têm idades até 15 anos, a população em idade activa ronda os 80% e os idosos correspondem apenas a 4% do total de imigrantes cabo-verdianos.

Quadro 4 – Imigrantes cabo-verdianos por grande grupo etário em 2007

Grupo etário	Indivíduos	%
Jovens (Até 14 anos)	10.171	15,91
Idade activa (15 a 64 anos)	51.196	80,09
Idosos (65 e mais anos)	2.558	4,00
Total	63.925	100,00

Fonte: INE e cálculos dos autores

A nível dos jovens, 52,13% são do sexo masculino e 47,87% do sexo feminino, sendo a disparidade entre sexos ainda maior no caso da idade activa, com 56,10% do sexo masculino e 43,90% do sexo feminino.

Em relação aos idosos a situação altera-se substancialmente passando a hegemonia para as mulheres com 58, 87% face a 41,13% de homens.

Os grupos etários em que se verifica maior concentração de cabo-verdianos com permanência regular em Portugal são os respeitantes aos 25-29, 30-34 e 35-39 anos, correspondendo respectivamente a 11,53%, 12,49% e 11,77%, num total de quase 36,00%.

Numa análise em função do sexo verifica-se que cerca de 55,00% dos imigrantes cabo-verdianos são do sexo masculino e 45,00% do sexo feminino o que corresponde e está em concordância com a distribuição por sexos da totalidade de imigrantes em Portugal³.

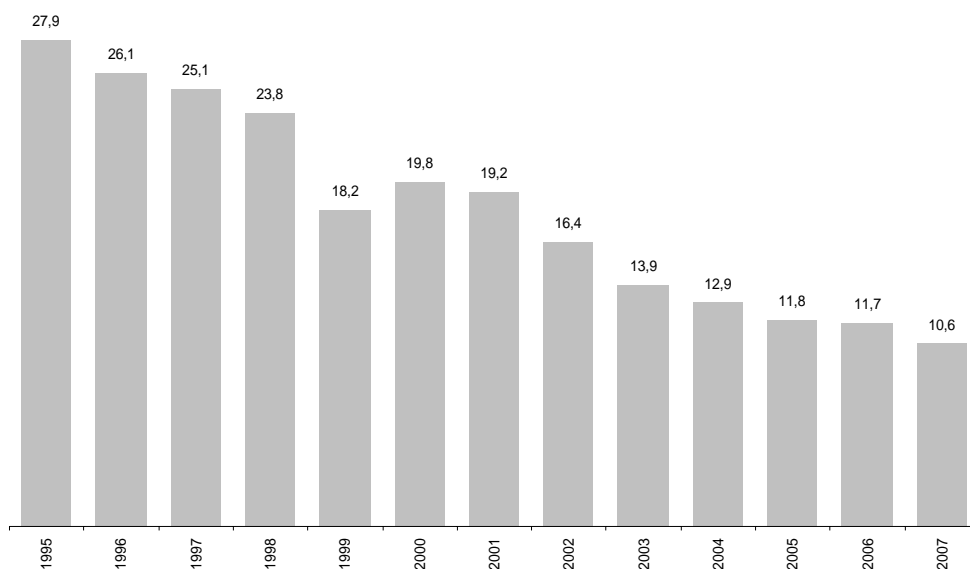
Do total de casamentos realizados em Portugal no ano 2007, envolvendo cidadãos de nacionalidade estrangeira, 5,4% reportava-se a casamentos em que pelo menos um dos cônjuges era de nacionalidade cabo-verdiana.

³ Esta análise, desagregada por grupo etário e por sexo, considera 63925 imigrantes e não 64972, uma vez que este diferencial corresponde a 1047 indivíduos, cujos grupos etários de pertença e sexo não são conhecidos.

Quanto às regiões de “morada futura” destes cônjuges, destacam-se a Grande Lisboa (49,3%) e a Península de Setúbal (22,0%).

Como já referimos no ponto anterior um outro aspecto relativo à imigração em geral e à imigração cabo-verdiana em particular diz respeito aos contributos indirectos para a dinâmica demográfica decorrentes dos nascimentos de filhos de imigrantes.

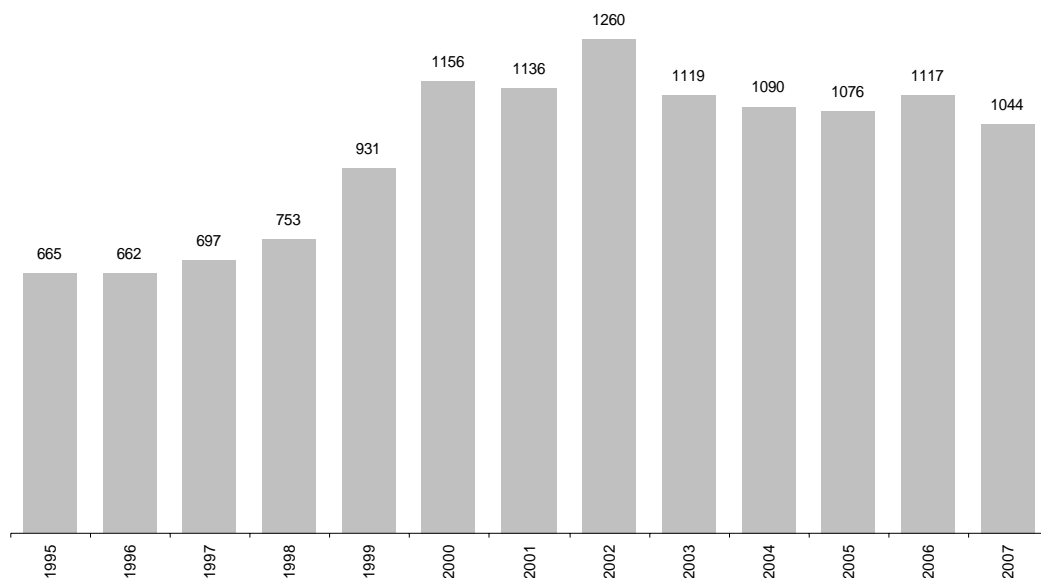
Gráfico 1 – Percentagem de nados vivos de mães de nacionalidade Cabo-Verdiana, no total de nados vivos de mães de nacionalidade estrangeira, Portugal, 1995-2007



Fonte: INE

A percentagem de nados vivos de mães de nacionalidade cabo-verdiana relativamente ao total de nados vivos de mães de nacionalidade estrangeira tem vindo a diminuir, sobretudo pelo contributo para a natalidade de mães de outras nacionalidades e não por se registar um decréscimo significativo no seu número.

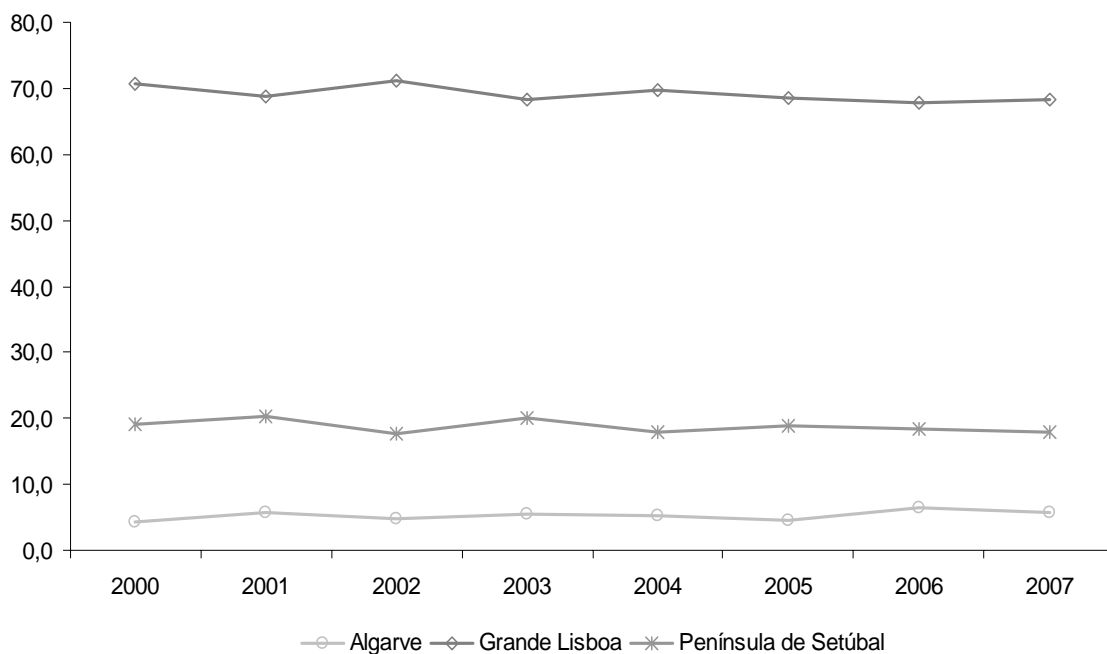
Gráfico 2 – Nados vivos de mães de nacionalidade Cabo-Verdiana, Portugal, 1995-2007



Fonte: INE

As regiões onde se registam maiores proporções de nados vivos de mães de nacionalidade cabo-verdiana, mantêm-se desde 2000; por ordem decrescente, Grande Lisboa, Península de Setúbal e Algarve.

Gráfico 3 – Percentagem de nados vivos de mães de nacionalidade Cabo-Verdiana, por principais regiões (NUTSIII), Portugal, 1981-2007



Fonte: INE

Os valores apresentados, tanto no que se refere aos casamentos como aos nados vivos, evidenciam a tendência de aumento do número de cidadãos estrangeiros a residir legalmente em Portugal. A informação relativa às regiões da futura morada de família dos casais em que pelo menos um dos cônjuges é de nacionalidade cabo-verdiana, bem como da residência das mães desta nacionalidade, indiciam uma presença mais significativa de cidadãos desta nacionalidade nas regiões de Lisboa e da Península de Setúbal, assim como do Algarve, tendência esta que já tinha sido identificada nos anos 80 e 90 do século XX (Rebelo, 2000b). A redução da representatividade de mães de nacionalidade cabo-verdiana, não se prende com uma diminuição mas antes com o aparecimento e crescimento do número de nados vivos de mães de outras nacionalidades, como o Brasil, a Ucrânia e a Roménia.

2. Standards Culturais portugueses na perspectiva dos cabo-verdianos

Após termos caracterizado os imigrantes que vivem em Portugal e os seus contributos para o crescimento demográfico, para a natalidade e para as alterações da estrutura etária, procurando sempre reconhecer a especificidade dos imigrantes cabo-verdianos, procurámos identificar como é que esta importante comunidade “vê” os portugueses em termos de *Standards Culturais*.

Esta análise tem como referenciais teóricos os estudos de Hofstede (1991) e também de Trompenaars & Hampden (1998). Baseia-se na informação recolhida através de inquéritos por entrevista a 16 imigrantes cabo-verdianos com pelo menos dois anos de permanência em Portugal, com idades entre os 22 e os 58 anos, e exercendo diversas actividades (estudantes, trabalhadores indiferenciados, técnicos superiores), sendo 9 do sexo masculino e 7 do sexo feminino.

2.1. Os estudos sobre Standards culturais de Hofstede e de Trompenaars / Hampden

Não é possível abordar a questão dos standards culturais ou das dimensões culturais sem, em primeiro lugar, clarificar o que se entende por cultura. A cultura é algo colectivo relativo a crenças e valores, partilhado pelos membros de um determinado grupo e em simultâneo é algo diferenciador desses indivíduos face a grupos diferentes,

apresentando estes um conjunto de características comuns que lhes permitem identificar-se como pertencentes a esse grupo. Estas características comuns que os unem no sentir, no pensar e no agir denominam-se *Standards Culturais*, no âmbito do conceito originalmente criado por Jean Paul Piaget e desenvolvido pelo psicólogo Ernst Boesch's (referidos por Fink, Kölling e Neryer 2005).

Na perspectiva cognitiva de Hofstede (1991) cultura pode definir-se como uma espécie de programação mental colectiva resultante do ambiente em que os indivíduos se desenvolvem e interagem desde que nascem e que vai gerar as condições em que ocorrem os processos de aprendizagem. De referir que estes grupos podem ter na génese da sua criação o país ou a região em que vivem os seus membros, ou critérios relacionados com o género, a geração ou a classe social a que pertencem.

Trompenaars & Hampden-Turner (1998) abordam a questão da cultura no âmbito interpretativista, como resultando da interacção entre indivíduos e simultaneamente como um dos componentes que a determina.

Entre os estudos sobre dimensões culturais destaca-se o realizado por Geert Hofstede, especialista em gestão multicultural. O seu estudo de referência feito na década de 70, comparou 50 países e 3 regiões no seu conjunto, mas nenhum deles foi analisado isoladamente, sendo que os dados acabam por ser válidos apenas em termos relativos de comparações entre esses países. Assenta em quatro dimensões (<http://www.geert-hofstede.com/>):

1. **Aversão à incerteza (UAI - Uncertainty Avoidance Index):** o que se pretende verificar é como é que os indivíduos reagem em relação a factos incertos, por exemplo ao futuro; mede, portanto, a insegurança dos indivíduos em relação ao desconhecido.
2. **Distância do poder (PDI – Power Distance Index):** o propósito é medir como é que aqueles que têm menos poder numa organização aceitam isso. Quanto melhor fôr aceite essa situação pelos que têm menos poder, maiores serão as desigualdades. A distância ao poder é indissociável da análise das estruturas hierárquicas existentes.
3. **Masculinidade (Mas – Masculinity):** o objectivo é caracterizar o papel esperado para cada um dos géneros numa determinada sociedade; quantifica até



que ponto a sociedade espera papéis muito diferenciados entre homens e mulheres; neste caso denomina-se sociedade masculina.

4. **Individualismo (IDV – Individualism):** nesta dimensão analisa-se se a relação existente entre os indivíduos e a colectividade; a ênfase é colocada no individual ou no colectivo, ou seja, se prevalece o indivíduo como primado ou a sociedade.

Um estudo posterior (em que Portugal não estava incluído) permitiu identificar uma quinta dimensão:

5. **Orientação para o Longo Prazo (LTO - Long-Term Orientation):** neste caso o que está em causa é a maior ou menor preocupação com o longo prazo versus o curto prazo; há preocupação com o amanhã ou a sociedade centra-se sobretudo no hoje?

De acordo com Hofstede as dimensões culturais excluem-se mutuamente não sendo assim possível admitir a ocorrência de processos sincréticos.

No âmbito da análise das dimensões culturais destaca-se também o estudo de Trompenaars & Hampden que identifica sete dimensões, em relação a algumas das quais é possível estabelecer uma analogia com o estudo de Hofstede (cfr quadro 5).

Ao contrário deste, Trompenaars & Hampden-Turner consideram que as dimensões de cultura não se excluem mutuamente, havendo a possibilidade de conciliação de pólos opostos numa dada dimensão.

As dimensões consideradas por estes autores são as seguintes (Trompenaars & Hampden-Turner, 1998):

1. **Universalismo / Particularismo:** a perspectiva universalista parte do pressuposto que o que é correcto e bom deve ser sempre aplicado enquanto a particularista se centra nas obrigações particulares que advêm dos relacionamentos e de circunstâncias diversas.



2. **Colectivismo / Individualismo:** neste caso o que está em causa é se os indivíduos se reconhecem em especial como seres isolados ou como membros de um grupo.
3. **Neutralidade / Emotividade:** o objectivo é verificar se é aceitável, ou não, que as emoções se repercutam na forma como os indivíduos interagem nas organizações.
4. **Especificidade / Difusão:** o que está em causa é perceber se há ou não sobreposição de papéis, por exemplo, no âmbito da vida profissional e familiar, ou se esses papéis Os cabo-verdianos constituem uma das mais importantes comunidades de imigrantes em Portugal, quer em termos absolutos, quer históricos. Este estudo tem como objectivos caracterizar aquela comunidade, quantificando os seus elementos; identificando a sua distribuição por regiões, sexo e grupo etário; analisando o seu comportamento de fecundidade e nupcialidade (numa primeira avaliação ao seu grau de integração). Visa ainda perceber como percebem os portugueses, numa perspectiva ligada aos *standards* culturais, segundo os referenciais de Hofstede e de Trompenaars & Hampden. Recorre-se em primeiro lugar aos dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística e pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Em segundo lugar, são analisados inquéritos por entrevista efectuados a cabo-verdianos residentes em Portugal, com idades entre os 20 e os 65 anos e com uma permanência em Portugal de, pelo menos, dois anos. Os resultados mostram tratar-se da 2ª maior comunidade de imigrantes, concentrando-se em Lisboa, Península de Setúbal e Algarve. Pertencem maioritariamente ao sexo masculino, em idade activa; consideram os portugueses muito formais, bastante preocupados com o futuro mas demasiado reactivos face a ele.
5. **Realização / Predeterminação:** resulta da relação entre a importância do que se realiza efectivamente com a do que se é, ou seja, o valor que advém do que se faz e o que advém das qualificações académicas, das relações de parentesco, da origem, do género e ou da idade.
6. **Orientação para o passado / orientação para o futuro:** estuda a relação que cada sociedade estabelece com o passado, com o presente e com o futuro.



- 7. Orientação para com a envolvente:** preocupa-se em perceber a importância dada pela sociedade ao meio ambiente e as consequentes relações que estabelece com ele.

Estas dimensões integram três grupos: as primeiras cinco estão ligadas ao relacionamento com os outros, a sexta à relação com o tempo e a sétima à relação com o meio ambiente.

Quadro 5 – Dimensões de Hofstede / dimensões de Trompenaars / Hampden-Turner

Hofstede	Trompenaars / Hampden-Turner
Individualismo (IDV)	Universalismo / Particularismo
Distância do poder (PDI)	Colectivismo / Individualismo
Aversão à incerteza (UAI)	
	Neutralidade / Emotividade
Masculinidade (Mas)	
	Especificidade / Difusão
Orientação para o Longo Prazo (LTO)	Orientação para o passado / orientação para o futuro
	Orientação para com a envolvente

Fonte: quadro da responsabilidade dos autores

Não obstante a analogia verificada, consideramos que as dimensões culturais identificadas por Hofstede são mais adequadas no âmbito da nossa investigação por incluir dados sobre Portugal e pelo facto do seu estudo ser mais reconhecido na comunidade científica.

2.2. Os standards culturais portugueses de acordo com Hofstede

Os standards culturais portugueses de acordo com o estudo de Hofstede são os constantes no quadro abaixo e recorde-se de que se trata de valores comparativos entre países. Cabo Verde não fez parte deste estudo pelo que não nos é possível estabelecer comparações entre os dois países mas apenas identificar a percepção dos cabo-verdianos face aos portugueses.



Quadro 6- Valores da classificação de Hofstede para Portugal

	PDI Distância ao poder	UAI Ansiedade face à incerteza	IDV Colectivismo / Individualismo	MAS Masculinidade / Feminilidade
Portugal	63	104	27	31

Fonte: adaptado de http://www.geert-hofstede.com/hofstede_dimensions.php?culture1=71&culture2=

Esta classificação remete para as quatro dimensões presentes no quadro anterior e ainda para uma quinta dimensão reportando para a orientação para o curto prazo / longo prazo. Esta última dimensão resulta de um estudo posterior em que Portugal não foi considerado pelo que não possuímos valores para a mesma. Os valores ou cotações, resultam da informação recolhida sobre as características inerentes a cada dimensão numa base comparativa de Portugal com os outros países.

2.3. Os standards culturais portugueses na perspectiva dos imigrantes cabo-verdianos

Nesta investigação preconizou-se identificar a percepção dos imigrantes cabo-verdianos face ao modo de ser, sentir e agir dos portugueses ou seja face à sua cultura, apesar de reconhecermos que nem todos os portugueses adoptam os mesmos comportamentos. As dimensões culturais de Hofstede constituíram os referenciais que balizaram a construção dos guiões de entrevista.

2.3.1. Aspectos metodológicos

O trabalho de campo alicerçou-se em inquéritos por entrevista a dezasseis imigrantes cabo-verdianos a residir em Portugal há pelo menos dois anos. Os inquiridos correspondem a uma amostra de conveniência, situação em que se opta por seleccionar indivíduos a que mais facilmente se possa aceder, nomeadamente através da indicação de amigos, ou tendo subjacente outros critérios em que existe “conveniência e intencionalidade (Hill e Hill, 2005).



Esta escolha facilitou a exequibilidade em tempo útil e com custos reduzidos tendo no entanto como inconveniente a impossibilidade de extrapolação dos dados para todo o universo (Hill e Hill, 2005). É por isso usado sobretudo em estudos exploratórios como é o caso do presente estudo. Conforme se pode verificar no quadro 7 dos dezasseis entrevistados, nove são do sexo masculino e sete do feminino com idades compreendidas entre os 22 e os 58 anos (idade média de 31,5 anos) e com uma permanência em Portugal igual ou superior a 2 anos.

Quadro 7- Breve caracterização dos entrevistados

Nome	Sexo	Idade (anos)	Profissão	Tempo reside Portugal
Edmilson	Masc.	26	Estudante	4 anos
Dani	Masc.	27	Estudante	6 anos
Nilton	Masc.	24	Estudante	7 anos
António Pina	Masc.	37	Desempregado	6 anos
Edson Mendes	Masc.	25	Trabalhador estudante	7 anos
Eder Monteiro	Masc.	22	Estudante	4 anos
Cláudia Medina	Femin.	25	Formadora	7 anos
Miguel	Masc.	22	Trabalhador estudante	2 anos
Fábio	Masc.	25	Operário fabril	8 anos
Pedro	Masc.	41	Médico	21 anos
Maria Plácida	Femin.	58	Bancária reformada	5 anos
Janine	Femin.	30	Consultora	19 anos
Senhorinha	Femin.	58	Administrativa	36 anos
M.J.Tavares	Femin.	27	Tecn. Traf. Aéreo	9 anos
Milene	Femin.	31	Contabilista	8 anos
Rosane	Femin.	26	Estudante	6 anos

2.3.2. Percepção dos imigrantes cabo-verdianos sobre os standards culturais portugueses

Para apresentar os standards culturais portugueses na perspectiva dos imigrantes cabo-verdianos um questão premente é se é possível identificar e isolar esses standards culturais

Cabo Verde e Portugal são dois países irmãos, como referem alguns dos inquiridos, com uma história estreitamente interligada desde há séculos.

Eventualmente as diferenças entre os dois países poderão não ser muito significativas porque estamos a comparar dois países com uma história comum. Mas pode ser apenas aparente e não se dever exclusivamente ao facto da língua ser comum. Com efeito nenhum dos dezasseis entrevistados, todos aparentando conhecer bem a cultura portuguesa, teve dificuldade em identificar factores diferenciadores em relação à sua cultura, susceptíveis de análise com base nas dimensões culturais propostas por Hofstede. Vejamos alguns resultados:

a) Distância ao poder e hierarquias

Em relação à formalização, distância ao poder e hierarquização das relações, as opiniões são unânimes: existem hierarquias e as relações são hierarquizadas mas “não existe grande rigidez nas hierarquias” uma vez que “um engenheiro e um trabalhador comum trabalham lado a lado e há muita liberdade”.

Não obstante, nas relações profissionais normalmente utilizam-se os títulos académicos como doutor e engenheiro o que gera barreiras e distância entre as pessoas. Nas empresas há muitos níveis hierárquicos e os imigrantes africanos mesmo que tenham habilitações académicas têm dificuldade em aceder a funções mais qualificadas.

Os portugueses são simpáticos tanto no âmbito do relacionamento profissional como no do relacionamento pessoal mas são algo reservados não existindo o mesmo calor humano que entre cabo-verdianos.

Estes dados corroboram de certa forma o valor encontrado para Portugal por Hofstede no âmbito da distância ao poder uma vez que o valor determinado (63) é bastante elevado (tanto em comparação com a cotação média do conjunto de países estudados que foi de 58,6, como também, se nos cingirmos apenas ao cluster latino em que a distância ao poder se cota em 50,2), remetendo para a existência de estruturas hierárquicas rígidas.

b) Ansiedade face ao desconhecido

Os portugueses são tristes, deprimidos e inseguros. Lidam bastante mal com o desconhecido que lhes gera ansiedade e preocupação. Daí o privilegiarem o trabalho por conta de outrem para se sentirem mais seguros.

Com efeito, “Os portugueses têm medo de perder o emprego, medo de outros quererem tirar o lugar deles e aí até apontam o dedo aos imigrantes”.

Para os cabo-verdianos, os portugueses são bastante pessimistas em relação ao futuro e têm aversão ao risco. Na opinião de alguns inquiridos uma outra atitude própria dos portugueses é considerarem que o que não é conhecido provavelmente não é bom. O medo do desconhecido trás consigo alguma passividade e falta de capacidade de iniciativa. Os cabo-verdianos embora originários de um país pobre são mais optimistas e acreditam no futuro.

Os cabo-verdianos identificam-se a si próprios como pessoas com esperança no futuro. Acabam por empreender com mais facilidade.

Os dados de Hofstede para Portugal neste domínio apontam para valores muito elevados (104), portanto em linha com o pensamento dos cabo-verdianos. Esta elevada cotação distingue os portugueses do cluster latino, em que a ansiedade também está bastante presente (86,4), mas sobretudo da cotação média dos países estudados (45,2).



c) Individualismo

Em Portugal privilegia-se o trabalho em equipa como referem alguns entrevistados. Não é por acaso que com frequência “um engenheiro e um trabalhador comum trabalham lado a lado”.

As pessoas no trabalho estão dispostas a ajudar mas fora desse contexto demoram algum tempo a estabelecer laços. Claro que o individualismo e a competição entre os trabalhadores também existe, mas a cooperação e a entreaajuda fazem parte do quotidiano da vida organizacional.

Esta tendência verifica-se sobretudo em termos institucionais, ou seja, é algo que existe porque se considerou como indispensável ao bom funcionamento organizacional e se formalizou.

A nível pessoal esse espírito continua a existir mas é mais contido e embora as pessoas sejam solidárias, nas grandes cidades não existe tempo para se estar com os outros, para os ouvir ou para os ajudar, contrariamente ao que se passa em Cabo Verde.

A cotação de Hofstede para Portugal é de 27 remetendo para baixo individualismo sobretudo comparando esta cotação com a do cluster latino (55,8) e com a média dos países estudados (43,6).

d) Masculinidade

A cultura portuguesa é pouco masculinizada de acordo com os estudos de Hofstede (31). Isso quer dizer que não existem muitas diferenciações com base no sexo em relação aos papéis esperados no mundo organizacional e na sociedade em geral.

A cultura cabo-verdiana é um pouco diferente a esse nível mas em Portugal, como refere um dos inquiridos, “há mulheres no parlamento, empresárias e com o tempo a igualdade entre os sexos vai-se notando mais”. Mas, como refere também isso não é exclusivo de Portugal, é global e mesmo assim há alguns aspectos diferenciadores:

apesar de haver mais mulheres com formação, a proporção de desempregadas é maior face aos homens.

Um outro entrevistado refere que no seu actual trabalho o chefe de equipa é do sexo feminino e que “não é por se ser mulher que se tem um trabalho mais leve”.

Uma “queixa” ouvida de um entrevistado do sexo masculino diz respeito ao facto de, contrariamente ao que se passa em Cabo Verde, aqui não haver o hábito de “ser o homem a pagar as contas quando convida, por exemplo, a namorada ou uma amiga para um café, para jantar fora ou para uma ida à discoteca”.

Na verdade a cotação dada pelo estudo de Hofstede neste domínio é muito baixa (31) quer quando comparada com o cluster latino (46,6), quer com a média dos países estudados (66,4).

e) Orientação para o longo prazo

Em termos de orientação para o amanhã, pode dizer-se que os portugueses revelam algumas preocupações o que não pode dissociar-se da ansiedade face ao futuro. Assim, e no sentido de reduzir essa elevada ansiedade, procuram um emprego seguro, têm aversão ao risco e compram casa própria.

Os cabo-verdianos tendem mais a pensar no dia a dia, no imediato vivendo “um dia de cada vez”. Os portugueses, pelo contrário, mesmo que o presente esteja a ser “bom” arranjam forma de se angustiar pensando com pessimismo num futuro mau que se avizinha.

Em relação a esta dimensão, como já referimos e uma vez que resultam de um estudo posterior, não há cotação para Portugal na investigação de Hofstede.

3. Conclusão

Os imigrantes cabo-verdianos em Portugal constituem um grupo de referência, quer pela sua representatividade numérica, quer pelo facto de estarem na génese da imigração

recente em Portugal. São maioritariamente do sexo masculino e 96% têm menos de 65 anos. Contribuem para o rejuvenescimento da estrutura etária da população residente em Portugal pela base, através dos contributos para a natalidade e ainda por se concentrarem nos grupos etários entre os 20 e os 39 anos.

Sentem o peso da burocracia e da hierarquização rígida tanto no âmbito profissional como no da sociedade em geral. Mesmo assim a sua apreciação acaba por não ser muito negativa uma vez que em Cabo Verde existem também hierarquias rígidas.

No que reporta à relação com a incerteza, o entendimento dos cabo-verdianos é de que os portugueses precisam de segurança e por isso amedrontam-se face a um futuro desconhecido.

Os portugueses sabem e gostam de trabalhar em equipa gerando sinergias benéficas em termos de produtividade.

Em Portugal não há muita diferenciação entre sexos existindo homens e mulheres em quase todas as profissões.

Em relação à orientação para o longo prazo e de certa forma em articulação com o medo do futuro os portugueses privilegiam o longo prazo.

Em conclusão, são estes os aspectos mais referidos como diferenciadores pelos inquiridos que, no entanto, se identificam com os portugueses em muitos outros.

Bibliografia

- Coleman, David, (2004) “Facing the 21st Century. New developments, continuing problems”, Keynote presented at European Population Forum 2004, Gaye Erbatour MP, Turkey, 12-14 January 2004;
- Fink, Gerhard, Kölling, Marcus, Neryer, Anne-Katrin (2005) “The Cultural Standard Method”, WP n° 62, Vienna, Europainstitut Wirtschaftsuniversität Wien;



- Hill, Manuela Magalhães, Hill, Andrew, (2005), “Investigação por Questionário”, 2ª edição, Lisboa, Edições Sílabo;
- Hofstede, Geert, (1991) “Culture and organizations, intercultural cooperation and its importance for survival”, New York, McGraw-Hill;
- INE (2008), *Estatísticas Demográficas, 2007*, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística.
- Machado, Fernando Luís (1994) “Luso-Africanos em Portugal”, in *Sociologia Problemas e Práticas*, 1994, nº 16, Lisboa: CIESDS, ISCTE, pp. 111-134.
- Peixoto, João, (2004), *País de emigração ou país de imigração? Mudança e continuidade no regime migratório em Portugal*, SOCIUS working paper nº 2/2004, Lisboa, ISEG;
- Peixoto, João (no prelo), “A demografia da população imigrante em Portugal”, forthcoming in M. F. Lages e A. Teodoro Matos (coord.), Portugal: Percursos de Interculturalidade (vol. II).
- Rebelo, José, (2000a), “Migrações e Minorias Étnicas na Península de Setúbal entre 1981 e 1998: os Contributos e os Problemas para o Desenvolvimento Regional”, Porto, Setembro de 2000, in FIUP (org) (2002) *As ciências sociais nos espaços de língua portuguesa: balanços e desafios*, Vol 2, Porto, FIUP, pp 9350-9358.
- Rebelo, José, (2000b), “O peso das migrações na evolução demográfica da Península de Setúbal entre 1981 e 1998”, comunicação apresentada no 1º Congresso Português de Demografia, Tróia, Setembro 2000;
- Rebelo, José, Mendes, Maria Filomena, Pinto, José Eliseu, (2006) “Les mutations du marché de travail au Portugal – analyse d’après les données des IOF’S relatives au dernier décennie du XX^{ème} siècle”, in http://www.aidelf.ined.fr/colloques/Aveiro/Communications_Aveiro/Feld/R_%20Rebelo_Mendes-Pinto.doc;
- Sobotka, Tomas, (2008). “The rising importance of migrants for childbearing in Europe”. Vol.19, Art. 9, pp. 225-248 (<http://www.demographic-research.org/volumes/vol19/9/>)
- Trompenaars, F. and Hampden-Turner, C. (1998) “Riding the waves of culture: understanding cultural diversity in global business”, New York, McGraw-Hill,



- <http://www.geert-hofstede.com/> (consultado em 20 de Abril de 2009)